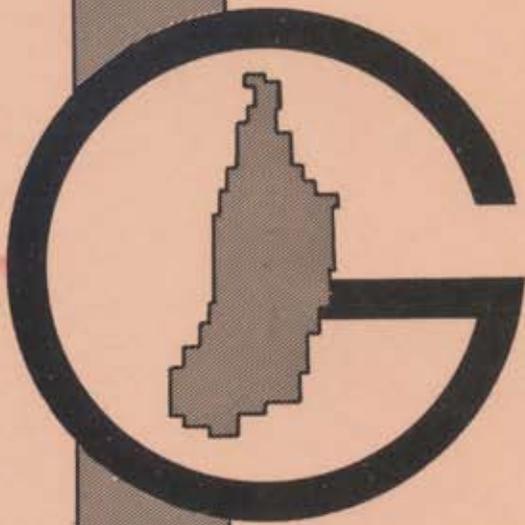


**BOLETIM  
GOIANO  
DE  
GEOGRAFIA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

## A PESQUISA GEOGRÁFICA

Horieste Gomes  
Prof. do Deptº de  
Geografia - IQG

### UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

A marcha do ser humano em seu "*universum*" é infinita como a própria infinitude do universo. Ao longo de sua caminhada histórica, o homem através do seu trabalho vem construindo, para melhor, o seu espaço de vivência. Na medida em que a realidade objetiva do mundo da natureza, da sociedade e do próprio homem vai sendo desvendada pelo contínuo avanço das ciências e transformada em lei maior, genérica, pelo saber filosófico, o ser humano passa a atuar cada vez mais racionalmente, em interação mútua com o seu *universum*. Toda a estrutura do seu ser: - material e espiritual - encontra-se submetida às leis da evolução dialética e, portanto, inserida num contínuo processo de evolução.

O seu próprio pensamento torna-se sempre mais lôgi

co e o reflexo subjetivo da realidade objetiva evidencia, mais e mais, o seu caráter de ser consciente. Na prática, há um constante avançar do seu conhecer e de sua ação sobre o espaço geográfico existente.

Mas, é preciso que se diga que nessa sua caminhada no tempo pelo espaço terra, desde o aparecimento da sociedade classista, o humano vem sendo objeto de sistemática exploração pela classe detentora dos meios de produção.

Ao longo dos anos, a filosofia e o seu conteúdo ideológico vem, através dos seus instrumentais de uso, postulando a defesa dos interesses de uma minoria que controla o poder político, dado que mantém a posse da propriedade privada dos meios de produção. Amparada pelo poder do Estado acumula bens de uso e de troca, enquanto que a maioria dos componentes das demais classes sociais vão sendo marginalizados quanto ao possuir e usufruir desses bens sociais (em seu sentido lato) criados pelo desempenho do homem no processo da produção. Trata-se de uma minoria privilegiada que procura se manter no poder e perpetuar o seu "status quo" de vivência.

No regime escravocrata, senhores e escravos configuravam a sociedade de classes antagônicas fundamentais. Os primeiros, eram representados pelos grandes proprietários de fincas (latifundiários) e pelos sacerdotes. Somados à classe dos pequenos-produtores constituíam-se nos chamados homens livres.

Os segundos, eram propriedades dos escravistas. Ao Estado, fruto da propriedade privada e da divisão da sociedade em classes, competia exercer o poder coercitivo sobre a classe opri

mas, a fim de mantê-la submissa às conveniências da classe pro-  
sora.

Tomando a antiga Roma nos séculos II e I a.C., épo-  
ca em que os limites da cidade-estado haviam se convertido num vasto império escravagista, pontificava a *filosofia estóica*, cujas origens buscamos-las na velha Grécia, notadamente nas concepções filosóficas Aristotélicas, cujos princípios normativos postulavam o caráter ideológico da classe dominante.

Apregoavam (e Cícero é um bom exemplo) a necessida-  
de do dever a cumprir pelos cidadãos romanos, no sentido de parti-  
ciparem ativamente na vida do Estado (tratava-se de um Estado ex-  
pansionista) e a servi-lo de maneira abnegada.

No regime feudal, o caráter antagônico de classe en-  
contramo-lo entre os senhores feudais e os camponeses. Os primei-  
ros, representados pelos grandes proprietários de terras, conjunta-  
mente com o clero, encontravam-se à frente dos negócios do Estado e formavam a denominada "*aristocracia*". Do lado oposto, os servos de gleba, desprovidos de terras e de direitos, constituíam a maio-  
ria oprimida e dependente dos senhores feudais e da Igreja. Esta relação de dependência foi uma resultante da consolidação da estru-  
tura hierárquica da propriedade territorial e do sistema de milí-  
cias armadas, no dizer de Marx e Engels.

Todo um sistema de instituição políticas, jurídicas e doutrinárias referendava o poder da nobreza feudal sobre os cam-  
poneses. Era de fato um "*direito de força*" cuja doutrina da Igreja católica serviu de suporte ideológico dominante, principalmente na Europa Ocidental, dado que as teorias políticas daquele período

histórico foram construídas sobre os dogmas religiosos, consubstanciadas nas denominadas teorias teocráticas. Mesmo nos períodos subsequentes à formação da sociedade e do Estado feudal, em que várias teorias traduziram o desejo dos feudais de se libertarem da tutela da Igreja, a filosofia escolástica propagada, tinha como objetivo fundamentar a autenticidade dos dogmas cristãos e perpetuar os interesses da classe exploradora.

Invocando Tomas de Aquino - zeloso defensor da classe dominante, portanto, da desigualdade e da hierarquia feudal - na sua teoria relativa ao Estado e ao direito procurou eternizar o regime dos suseranos, utilizando-se entre outros mecanismos de alienação, do incitamento à obediência passiva dos súditos como "*inferiores*". Respalçado no "*direito divino e natural*" atribuiu valor decisivo ao princípio do poder.

No capitalismo, a *filosofia idealista* em suas múltiplas correntes teóricas (agnosticismo, dogmatismo, positivismo, neo-positivismo, existencialismo, pragmatismo etc.) está a serviço dos interesses da classe dominante, objetivando manter as classes desprovidas dos meios de produção, notadamente a classe operária, subordinadas ao grande capital.

A contradição antagônica fundamental é travada entre o capital e o trabalho. De um lado, os que detêm a concentração do capital e do poder político/econômico; do outro, os possuidores apenas de sua força de trabalho (física e mental). O potencial ideológico da filosofia a serviço da classe dominante, continuamente é acionado pelos complexos mecanismos de comunicação de massa (dos mais simples aos mais sofisticados) e busca neutralizar

o processo de luta das classes oprimidas contra a classe opressora.

Táticas alienantes são utilizadas com perspectivas bem definidas em termos de estratégias que visam embotar o crescer de consciência política do ser humano.

Assistimos, nos dias atuais, um volume crescente de filosofias exóticas e estranhas; de religiões e seitas místicas; de publicações nocivas que vão desde a mediocridade literária em todos os gêneros e níveis até as indústrias de suporte que elas engendram; de projeções cinematográficas e televisionadas propagadoras da violência em suas diversas modalidades ( assassinatos, roubos, lesões, estrupos, vícios etc.) ou possuidoras de acentuadas doses de sub-cultura, destinadas a difundir hábitos e comportamentos da conduta, a fim de estimular e formar mentalidades alienadas e consumistas. Enfim, na prática, presenciemos toda uma estratégia montada pelos ideólogos a nível de sistema, embasada por uma filosofia (idealista) e seu conteúdo ideológico, como armas para preservar intocáveis os interesses de classe daqueles que detêm o monopólio da propriedade privada dos meios de produção.

Ao Estado é reservado, como foi no passado, o exercício de sua função coercitiva e opressora a serviço dos interesses vitais da classe dominante.

Neste simples trabalho introdutório sobre a pesquisa geográfica, não poderíamos perder de vista o valor que representa para o pesquisador, cientista social, do emprego da *lógica dialética*, teoria do conhecimento que permite ao homem de ciência

distinguir, com maior exatidão, o verdadeiro do falso.

Outra verdade que se despreende do referido artigo é o caráter classista (produto de uma filosofia e seu conteúdo ideológico) assumido pelo indivíduo, que o leva a tomar uma posição de classe, quer seja leigo ou cientista. E, esta posição de classe assumida, demonstra de maneira irrefutável que não existe o apartidarismo no que concerne ao saber filosófico e científico.

Na Geografia, ciência do espaço produtivo/social, seus materializadores assumem a cada momento, no espaço e no tempo, uma postura definida em função de uma filosofia e de uma ideologia de classe. Àqueles que julgam que há neutralidade científica, que seus trabalhos estão isentos de uma pretensa "contaminação" filosófica/ideológica e classista, esquecem que o próprio *sujeito da pesquisa geográfica é a sociedade coletiva*. E, é ela que nos fornece a nós, cientistas sociais, os elementos vivenciais que nos permitem estruturar o *tema* de nossa pesquisa.

#### TEORIA DO CONHECIMENTO

A primeira preocupação que deve orientar o nosso inquérito geográfico é procurar dar respostas a certas indagações básicas no âmbito da teoria do conhecimento:

- é possível o ser humano conhecer corretamente o mundo da natureza, da sociedade e da sua própria consciência?

- podemos aceitar ou não a validade do nosso conhecimento?

- nossa capacidade de conhecer é limitada ou não?

- ...

Sabemos que na luta pela existência quando um ser vivo não se orienta adequadamente no seu ambiente de vivência, quando ele não sente as transformações que se operam ao seu redor, e quando ele não reage de maneira justa a elas, mínimas são as suas condições de sobrevivência.

Sabemos que é pela sua adaptação biológica que o ser vivo conhece o seu espaço vital e passa a atuar sobre o mesmo num processo de interação mútua entre os componentes inorgânicos e orgânicos (bióticos e biocenose) contidos no espaço mencionado.

O homem, como ser racional - entre todos os seres vivos - possui superior capacidade de conhecer o mundo material objetivo que o rodeia e de reagir sobre ele, transformando-o em pról do seu próprio desenvolvimento.

Como é notório, os nossos conhecimentos dependem de fatores objetivos e subjetivos existentes na realidade. Os primeiros, existem objetivamente e independem do sujeito, todavia, sendo assimilados pelo próprio homem dependem do fator subjetivo expresso pelo mesmo sujeito. Entretanto, em virtude do avanço das ciências os chamados elementos subjetivos do nosso conhecimento vão sendo eliminados gradativamente - na medida em que as ciências se incorporam como saber aceito pela comunidade - e a verdade objetiva afirma-se, cada vez mais, como categoria filosófica. (a).

É certo também que é impossível ao homem atingir o conhecimento de uma forma acabada, definitiva, tendo em vista que o mundo da natureza, da sociedade e da consciência está submetido a um contínuo movimento dialético infinito e irreversível do presente para o futuro. Também é correto afirmar que o homem na busca

desse saber vai somando verdades relativas as quais se aproximam , mais e mais, da verdade maior, isto é, da absoluta.(b).

Esta representa, em dado momento histórico, a expressão mais exata da realidade.

É evidente que este processo cognoscitivo vai depender de nossa capacidade de ação sobre a natureza e a sociedade , bem como da consequente correspondência dos fenômenos naturais e sociais sobre o nosso organismo.

Como reflexo do mundo natural e social em nossa consciência, o conhecimento atravessa duas etapas significativas : a sensorial e a conceitual.

Pela primeira, os nossos órgãos sensoriais captam por intermédio das percepções (visuais, acústicas, tateáveis, olfativas etc.) o mundo exterior e forma por intermédio dele imagens sensíveis e concretas da realidade objetiva. Na composição destas imagens o saber que já possuímos das coisas, dos objetos, enfim tudo aquilo que está incorporado ao nosso acervo cultural entra na estruturação delas. Em realidade, são ainda imagens incompletas do mundo real.

Na segunda fase, a do reflexo conceitual, a imagem obtida que se estabeleceu ao nível do conceito, do juízo e do raciocínio possui uma correspondência mais verdadeira do conhecimento contido no objeto visualizado.

Muito embora o conhecimento conceitual esteja intrinsecamente ligado ao sensorial, ele representa uma etapa superior

rior do saber que o homem possui da natureza, da sociedade e de si próprio, tendo em vista que abrange uma realidade maior, mais ampla, consubstanciada em juízos, conceitos, inferências, raciocínios, hipóteses, teorias etc., elaborados por intermédio da matéria viva mais desenvolvida que é o nosso cérebro.

Enquanto que o reflexo sensorial tem como objeto os fenômenos exteriores e isolados, o reflexo conceitual aglutina os fenômenos isolados, sintetiza-os e generaliza-os. Isto significa, isolar do accidental, do secundário o que é fundamental e procurar descobrir a essência que se encontra na ordem interna, nas conexões primárias das coisas e dos fenômenos.

A etapa conceitual exprime um salto qualitativo rumo a sistematização dos conhecimentos em leis. (c)

Pelo fato de não estar diretamente ligada ao mundo objetivo, a fase conceitual pode pela generalização conquistar conhecimentos mais avançados.

Pela ligação mais íntima com a vida, com a produção e com a prática social, o pensamento evita o risco de tornar-se abstrato. Como exemplo elucidativo nas relações de produção entre o empregador capitalista e o operário, através do conhecimento conceitual vemos não uma simples relação contratual de trabalho, mas sim o caráter exploratório que recai sobre o operário, identificado na defasagem existente entre o valor real do produto fabricado pelo trabalhador e a sua correspondente remuneração recebida.

É evidente que a prática revelada no trabalho de

sempenha ao aferir a autenticidade do conhecimento uma importan  
tíssima valia na elaboração do conhecimento científico. É pela  
prática produtiva diária que o homem alarga (amplia) as suas pos  
sibilidade de conhecer o mundo objetivo que o rodeia e que existe  
fora de sua consciência. É pela prática que o homem corrige as de  
formações, os êrros acumulados e tidos como verdadeiros.

É pela prática que o ser humano cria as condições ma  
teriais de sua existência na sociedade. É pela prática que estabe  
lecemos a nossa união concreta com o mundo exterior, revelando  
nos as sensações, as percepções, as representações, as quais fun  
cionam como nexos entre ambos conhecimentos (sensorial e concei  
tural.) É pelo mecanismo da prática - produção, experimentação, lu  
tas de classes - que testamos a veracidade de nossos saber.

É manifesto que há casos em que o ser humano não re  
corre diretamente à prática, tendo em vista ser suficiente o empre  
go das leis da lógica para detectar o verdadeiro. Trata-se de uma  
utilização indireta do critério da prática uma vez que as próprias  
leis da lógica derivam da realidade e refletem as leis gerais des  
ta mesma realidade.

Outrossim, é óbvio que o conhecimento que se busca  
não pode ser revelado em toda a sua plenitude pela simples lógica  
formal - possuidora de limitações - o que leva o homem de pesquisa  
e recorrer ao emprego da lógica dialética. (d). Esta, não se  
prende à análise de teorias já elaboradas, mas

*"revela os princípios lógicos de passagem para novo  
conhecimento, investiga a formação e desenvolvimento  
das teorias" (1).*

Lenin, em seu texto intitulado "*Dialética e relativismo-Escola e Aparato*", definiu muito bem as exigências da lógica dialética:

- na busca de conhecer o objeto devemos estudar to dos os seus aspectos, todas as suas vinculações e "intermediações";

- que se tome o objeto em seu desenvolvimento, em seu automovimento, em sua transformação;

- a prática dos homens deve entrar na definição com pleta do objeto como critério da verdade e como determinante prá tico da vinculação do objeto com o necessário para o homem;

- não existe verdade abstrata, a verdade é sempre concreta.(2).

Não podemos nos esquecer que muito embora o critério da verdade assenta-se na prática, o resultado de uma verificação prática necessita ser analisado criticamente. Pela mesma razão de vemos compreender que uma prática mal encaminhada redundará, evi dentemente, na apreensão de uma falsa realidade. A prática não é um indicador simples e cômodo da verdade e da não verdade.

A realidade objetiva é traduzida em uma imagem espi ritual desta mesma realidade por um processo complexo elaborado pe lo conjunto dos órgãos sensitivos, nervais e cerebrais. Não só a formação dessa imagem, bem como a reprodução sensível e conceitual do que existe fora do nosso "eu", permite-nos apreender correta mente os dados da realidade exterior a nós, o que nos levam a agir de maneira racional sobre o mundo orgânico e inorgânico do qual

participamos. Simultaneamente, as condições técnicas, como exemplo o uso de mecanismo artificiais - aparelhos e instrumentos - desempenham expressiva atuação no tocante à exatidão do nosso reflexo do mundo. Citamos, a título de ilustração, o papel exercido pelas condições técnicas conjugadas com os órgãos dos nossos sentidos na correção das nossas deformações sensoriais. A cada momento, tanto a produção quanto a técnica, cria novas possibilidades para o homem dominar a natureza.

Amplia-se continuamente a capacidade cognoscitiva do homem, possibilitando o crescente aprimoramento do nosso saber.

Amplia-se o grau de veracidade da verdade objetiva que se encontra inserido nas verdades relativas a estas aproximam-se, mais e mais, da chamada verdade absoluta (conjunto das verdades relativas). Todavia, os limites da verdade absoluta são sempre relativos, dado que este somatório das verdades relativas nunca termina, há um continuum espacial e temporal.

A relatividade de nossos conhecimentos não nega a verdade objetiva, muito pelo contrário, afirma essa verdade.

O relativismo no tocante ao conhecimento deve ser compreendido, como dizia Lenin:

*" no sentido da relatividade histórica dos limites da aproximação dos nossos conhecimentos em relação a esta verdade". (3).*

E esta postura de entendimento contrapõe, de maneira antagonica, ao chamado relativismo absoluto que afirma que,

o tido como absoluto é em realidade relativo, bem como o objetivo é na realidade subjetivo. Trata-se, em verdade, de uma nova forma da metafísica que substitui o absoluto da constância, da estabilidade, do equilíbrio pela metafísica do relativo. É no dizer de muitos cientistas:

*"começa doravante a absolutizar a própria mudança". (4).*

Os meios que empregamos para chegarmos a um fim proposto denominamos método. Trata-se de um conjunto de princípios, normas e procedimentos de investigação teórica e de atividade prática que utilizamos na abordagem dos fenômenos da natureza e da sociedade.

A simples captação da realidade pelos órgãos dos sentidos, como vimos, é insuficiente para descobrir atrás do visível (externo) o essencial e necessário (interno), como também para dispor corretamente a realidade viva que se busca. Ex.: o sol parece girar em torno da terra (imagem visual), enquanto que, na realidade sabemos que se sucede justamente o contrário.

Para penetrar a fundo na essência das coisas, isto é, nas características fundamentais dos objetos e fenômenos, o processo do conhecimento utiliza-se de um instrumental cognoscitivo superior - o pensamento teórico - que se vale do emprego da *abstração e da generalização*.

Abstrair é uma operação praticada pelo pensamento no sentido de separar os caracteres essenciais significativos dos

dos secundários. Isto representa omitir o diferente e captar o geral. Entretanto, a abstração dialética, no seu sentido lato, é mais complicada em virtude de agrupar conexões e até imaginar as sociações (imaginação científica).

Nas etapas principais do processo de abstração operamos assim: isolamos e fixamos uma certa quantidade de fenômenos, de processos, de coisas; isto conduz a formação do conjunto. Em seguida, comparamos os elementos do conjunto e procuramos descobrir o análogo e o que deixa de ser, buscando com essa operação conhecer propriedades, conexões e relações gerais. Na etapa seguinte, buscamos a denominação que temos que dar a cada propriedade, conexão ou relação geral que já se encontram isoladas e particularizadas na fase anterior. É o que denominamos generalização. Generalizar não é apenas identificar objetos e fenômenos, mas descender à compreensão da essência deles. É afastar o que é secundário (casual, individual e irreptível) e integrar os aspectos fundamentais (causais, genéricos e comuns).

Esta última realização atingimos o limite superior de abstração e de especificação do conteúdo, cujo sentido está contido na sua própria denominação.

Neste processo de abstração operacional, a forma sensorial do conhecimento é substituída pelo chamado pensamento verbal teórico. Se o emprego de um conceito permitir conhecer as propriedades e relações dos fenômenos observados, significa que as nossas abstrações passaram a prova da prática e são justas.

A ciência aparece quando o homem faz uso do pensamento teórico, tendo em vista que ela visa atingir o âmago das coi

das que estão encobertas pela aparência externa. Na medida em que cada ciência tem por objetivo o descobrimento de leis, ela pratica a generalização; generalização esta que pertence ao domínio específico estudado pela ciência em questão.

Em contrapartida, o caráter universal das generalizações pertence ao domínio filosófico.

Um autor geógrafo preocupado em captar a verdade absoluta inserido no corpo do complexo geográfico, assim se manifestou:

*"o estudo da paisagem constitui a essência da pesquisa geográfica. Mas, é absolutamente indispensável que o geógrafo não se limita à análise do cenário, à apreensão do concreto. A paisagem não exterioriza todos os elementos constituintes do complexo". 5).*

As dificuldades para se atingir a verdade são muitas e, dentre elas, apontamos:

- o emprego, ainda muito corrente, da linguagem de uma ciência no âmbito de uma outra, procedimento que prejudica manter a unidade do atual saber científico;

- a prática de "abordagens estreitamente especializadas" que reduz o investigador, notadamente no campo das ciências sociais, ao domínio do particular em detrimento dos sistemas de ligações e interações que existem no corpo dos aspectos e fenômenos sociais concretos;

- nos nossos conhecimentos perduram uma certa dosagem de elementos subjetivos, enquanto a verdade pertence a realidade objetiva;

- a exterioridade do fenômeno não coincide com a sua interioridade, levando-nos a conclusões errôneas;

- o pensamento e o comportamento idealista ( mecanicista, agnóstico, positivista, pragmatista, neo-positivista etc.), está muito arraigado, como teoria e prática, na sociedade capitalista;

- as investigações científicas estão inseridas no domínio das relações espaço-tempo (modos de ser da matéria) e, a maioria dos nossos teóricos não as manipulam corretamente; (e).

- constata-se a mesma insegurança no tocante ao manuseio das leis da dialética materialista no plano da estruturação teórica e da comprovação prática;

- pelas mesmas razões, as categorias filosóficas são também mal manipuladas e mesmo desconhecidas;

- a ideologia sendo um sistema de idéias ligadas, intrinsecamente, à vida das classes sociais, constitui-se numa forma de conhecimento. As ideologias burguesas estão eivadas de elevado grau de mistificação, o que contribui substancialmente para diluir o significado real da verdade;

- a confiança plena de muitos pesquisadores nos chamados "códigos de ética profissional". Diga-se que, tais códigos

se não forem freqüentemente respaldados por uma ampla base social e política, perdem os seus atributos de validade e a mistificação invalida mais o saber científico e artístico;

- ...

Movimento e mudança são características do mundo objetivo que se encontra subordinado a um processo dialético infinito, cuja trajetória segue inexoravelmente do presente para o futuro.

A dialética deve ser entendida como método de pesquisa dos fenômenos - contidos na natureza e na sociedade. Como desenvolvimento histórico em espiral. Como reveladora das contradições existentes no interior das coisas e dos fenômenos (teoria dos contrários). Como responsável pela transformação da quantidade em qualidade (o progresso por saltos).

A dialética na sua expressão materialista é concebida como uma ciência das ligações, como um "*sistema vivo que se desenvolve, sensível ao movimento da prática social e do pensamento científico*" (6).

E, na elaboração deste último, joga um papel central o conhecimento cada vez mais preciso das categorias da dialética. Deste modo, o particular e o geral, a necessidade e o acaso, a possibilidade e a realidade, o elemento e o sistema, a forma e o conteúdo, revestem-se como categorias indispensáveis à sistemática de se buscar a verdade científica.

Sabemos que a assimilação da verdade só é possível

pela passagem do conhecimento do particular ao geral, tendo em vista que o particular não define fenômenos, portanto, não é possível de tratamento científico. Aqueles que mistificam a ciência, por ignorância ou por postura premeditada, normalmente invertem a prioridade do geral sobre o particular.

É evidente que para se chegar ao geral temos que efetuar o estudo detalhado do particular, todavia, jamais o particular pode ser concebido como nível superior do conhecimento humano.

## PESQUISA E SOCIEDADE

A sociedade atua sobre o pesquisador, em nosso caso o geógrafo, da seguinte maneira:

a) -- o pesquisador qualificado sendo um elemento humano integrado na sociedade geral - esta, possuidora de relações sociais e de classe que lhe são próprias, representa o sujeito da ciência - sente e coleta as aspirações do seu povo através dos seus modos de vida. Desta maneira obtêm as condições concretas para poder estruturar o tema que será objeto de sua pesquisa.

A sociedade, como sujeito da ciência moderna, é que fornece a escolha do assunto, dado que o pesquisador ao encaminhar uma determinada pesquisa tem sempre em mente as necessidades sócio-econômicas-culturais do seu povo. Mesmo que o projeto de pesquisa esteja sob os auspícios de empresa particular, o pesquisador cientista social, não pode perder de vista essa dimensão social que reveste a pesquisa. Se ele não proceder assim, isto é, não se identificar com a sua sociedade, estará fugindo a sua própria condição de homem de pesquisa e o inquérito perderá valores estruturais de conteúdo social.

Especifica muito bem um autor brasileiro:

*"A pesquisa científica é e sempre foi social, por que possui esse atributo não por acidente, por circunstância de época, mas por essência, por natureza ...*

*A sociedade, enquanto sujeito histórico coletivo, perdurando ao longo do tempo, carrega em si os conhecimentos adquiridos em sucessivas épocas, vai constituindo-os em saber científico, racionalmente compeendiados, e os transmite como herança cultural de uma geração a outra.*

*O pesquisador de cada momento histórico, mesmo aqueles em que só era possível a ação individual, não faz mais do que incorporar-se a este movimento cultural, incorporando a si o conjunto das idéias que a sociedade do tempo lhe oferece...*

*Só as tarefas socialmente propostas tem vigência na criação dos novos conteúdos de saber. As iniciativas sem a marca deste cunho social são historicamente visionárias". (7)*

b) - o valor que a ciência possui advém do conceito estabelecido pela sociedade. Resulta daí a escala de valores dos seus cientistas. Uma sociedade onde não haja incremento à pesquisa, atribui pouco ou nenhum valor aos seus homens de ciência. Exemplo típico, mencionamos a fase de obscurantismo que tomou conta do nosso país há quase duas décadas.

A criação científica só é possível pela incorporação

societal de seus resultados. Cabe a comunidade apropriar-se dos frutos criados pelo cientista. Se tal não acontecer, a pesquisa perderá muito do seu valor, uma vez que permanecerá estritamente limitada e reduzida a segmentos sociais, grupos ou indivíduos, sem projeção histórica.

É necessário que se diga, que muitos autores burgueses invertem o sujeito da ciência - a sociedade global - atribuindo a "*comunidade científica*" o papel de sujeito do conhecimento. Esta postura subjetiva conduz os teóricos do capitalismo a responsabilizar a própria ciência, pelas inúmeras deformações no tocante ao desenvolvimento da ciência no seio do sistema capitalista, quando, em verdade, o responsável mentor é o sistema econômico e social em questão.

c) - o pesquisador está vinculado a um sistema dialético de relações sociais. Caso rebele contra esse sistema ficará sujeito a sofrer penalidades existenciais e sociais. A ele cabe manter-se autêntico, isto significa, ser honesto com a sociedade a que pertence e consigo mesmo, procurando sempre transmitir a verdade social que se encontra inserida no fruto de seu trabalho de pesquisa. Sua autenticidade é que define o seu grau de coerência no processo de elaboração e transmissão da pesquisa executada. Sua liberdade de pesquisa reside não só na autonomia necessária que deve possuir para qualificado exercício profissional, mas, também quanto ao poder que possui para resistir a uma pretensa depreciação ou mercantilização do seu trabalho científico. Ele precisa ter elevado nível de consciência social para evitar cair no processo de alienação cultural e econômica de base. Seu senso crítico e autocrítico, como não poderia deixar de ser, necessita contínuo aprimoramento, a fim de que cresça o seu domínio

no que diz respeito às verdades fundamentadas nas ciências.

A verdade científica efetiva, como diz P. Fedosséiev no artigo "*O Materialismo Dialético e a Ciência Contemporânea*",

*"não pode como tal prejudicar o homem e a humanidade. É o mau uso dos conhecimentos, da verdade que prejudica o homem e a humanidade. É uma questão social, de classe". (8)*

d) - para realizar-se como profissional, como cientista social, o pesquisador prescinde do desfrute de plena liberdade - de pensar, de conceber, de questionar, de locomover-se etc. - tendo em vista que a sua pesquisa - somente é científica quando o indivíduo é livre para realizá-la. Isto não significa que ele pode ser um livre atirador, que pode agir individualmente sem o devido respeito aos princípios e as normas de conduta científica. Como pesquisador consciente ele pauta-se por um comportamento profissional que pertence ao *todo*, isto é, ao coletivo da equipe e ao sujeito da ciência (a sociedade global).

No todo cresce a sua responsabilidade científica/ social, conseqüentemente, a sua própria individualidade. Em virtude de receber o acervo cultural já edificado pelas sociedades pretéritas, ele passa a entender o significado de sua liberdade como necessidade objetiva para o bom desempenho de sua missão científica. Ele toma como responsabilidade a tarefa de fazer avançar a ciência, cuja exigência básica repousa na necessidade imperiosa de o homem conhecer, cada vez mais, as leis objetivas que regem a natureza, a sociedade e o próprio homem. E, quanto maior for o

conhecimento delas, mais consciente e livre será a atividade exercida pelo pesquisador.

O pesquisador executa produção individual iustamente na etapa em que ele emprega a sua inteligência, sua capacidade cognoscitiva e criativa, sua habilidade, sua experiência profissional etc. No restante, o seu trabalho é coletivo, não só pelo fato dele usufruir dos estudos de outros especialistas, mas, notadamente pelos laços que une ele à sociedade a que pertence. Sua pretensão hegemonia absoluta é utópica.

Sua liberdade liga-se as formas de produção e, ele é tanto mais livre quanto mais evoluído forem os meios e relações de produção dos bens materiais existentes na sociedade.

Esta condição de pela liberdade com responsabilidade que deve ser uma constante em todo trabalho de pesquisa, só pode ser preservada, mantida, por um poder que realmente subordine os eventos científicos ao bem do homem, ao seu desenvolvimento livre e integral.

É impossível a ciência ser respeitada unicamente através de uma regulamentação ética ou um autocontrole ético. Há necessidade de um aparato legal que crie condições concretas e permanentes, no sentido de dirigir a ciência como um processo criador mais produtivo intimamente identificado com o bem social coletivo. Em realidade, trata-se da única via capaz de manter a ciência em seus valores humanitários reais. Numa sociedade mais avançada, a opinião pública consciente exercerá mais e mais o controle social da investigação científica.

## A PESQUISA GEOGRÁFICA

Fundamenta-se numa orientação de princípios filosóficos, metodológicos e normativos gerais, imprescindíveis a toda busca da realidade geográfica.

Os primeiros, orientam o geógrafo como proceder a pesquisa no tocante à concepção filosófica que norteia a ciência geográfica.

Vejamo-los:

a) - toda pesquisa deve-se orientar dentro dos princípios filosóficos do materialismo dialético e histórico, concepção científica do mundo que permite ao homem penetrar na essência dos fenômenos da natureza e da sociedade; (7)

b) - toda pesquisa deve refutar o determinismo geográfico como teoria válida do conhecimento. Embora reconheçamos o papel que o meio exerce - retardar ou favorecer o desenvolvimento de uma região - não podemos considerar a sua influência como determinante. Pela mesma razão, o "*fatalismo geográfico*", outra

variante do determinismo, centra na posição geográfica como fator determinante do desenvolvimento econômico.

Também a geopolítica insere-se no sistema capitalista monopolista como uma nova modalidade de determinismo geográfico.

Estas concepções deterministas devem ser refutadas, em vista que, são possuidoras de caráter anticientífico e antisocial;

c) - ter opinião formada a respeito do liberalismo agravante, consequência lógica da doutrina filosófica que rege o sistema capitalista em sua acepção ideológica e econômica - o idealismo.

A geografia, como ciência do espaço produtivo/social, condena qualquer acomodação negativa do espaço de vivência do ser humano.

O liberalismo fundamenta-se no "*princípio da livre iniciativa*", tem concorrido intensamente na produção de desequilíbrios regionais e locais. Goiânia, assaltada pela especulação imobiliária, exemplifica concretamente como resultante da prática do "*laissez faire, laissez passer*";

Michel Phillopanneau assim se expressa em sua "*Geografia e Ação*":

*"Este liberalismo que preside a acomodação do espaço*

*e não se preocupa nada com o bem comum, não favorece as aplicações práticas das pesquisas geográficas".*  
(9).

d) - os segundos, os metodológicos, permitem-nos conhecer detalhadamente os componentes estruturais do fato geográfico em estudo, quer estejam visíveis ou invisíveis na paisagem enfocada (método analítico).

Permitem-nos estabelecer nexos e sistematizar os elementos analiticamente pesquisados, a fim de que possamos compor o todo (método sintético).

O conjunto desse processo metodológico (análise e síntese) pertence ao método superior do conhecimento humano - o *dia*lético. Somente, através dele que vê o movimento como forma de ser da matéria infinita, cuja trajetória é sempre ascendente do inferior para o superior, do presente para o futuro como um processo de conexões, interações, é que podemos alcançar a verdade absoluta como resultante do conjunto das verdades relativas.

Uma vez que estruturamos o todo (fato geográfico) sua propagação escrita e oral deva ser preocupação de parte de todos que buscam difundir a verdade geográfica (natural, econômica, social) que existe, objetivamente, nos fenômenos e objetos contidos no espaço geográfico.

Finalmente, os gerais normativos, orientam o pesquisador/geógrafo no que concerne à condução geográfica da pesquisa. Assinalemos os prioritários:

a) - o estudo geográfico apoia-se, sistematicamente, sobre uma base territorial (espaço) por ser esta o palco onde se realiza a interação dos fenômenos naturais e culturais que dão estruturação ao fato geográfico. Na atualidade, a geografia está passando por um processo salutar de reavaliação do seu próprio objeto, isto é, o seu espaço produtivo/social, cujas

*"relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente". (11)*

foram pouco conhecidas no passado. No presente, é correto afirmar que as investigações científicas no domínio das relações espaço-tempo ganham interesse cada vez mais crescente dos nossos teóricos em geografia.

b) - volver ao passado histórico é premissa importante a nossa pesquisa. Comprovamos pela riqueza de situações explicativas para os fatos presentes que o passado encerra.

Corretamente assinalou um conceituado geógrafo francês:

*"é necessário ... esforçar-se para projetar a geografia no passado" (11)*

c) - todo fato geográfico deve ser considerado sob o prisma técnico/social, em virtude que não podemos conceber ciência desligada da sociedade.

O ideal da "ciência pura" que faz da verdade um fim

em si, sem a mínima preocupação como e por quem o saber detectado seã utilizado, perdeu crãdito na sociedade moderna.

Em Geografia Sãcio-Econãmica de Goiãas, o autor deste artigo, pontifica:

*"O carãter social do fato ã uma relaãõ constante que atua como forãa imperativa, significativa, em todo estudo de pesquisa que realizamos. Podemos afirmar ser perigo de ãrro que esta relaãõ social constitui a prãpria razãõ de ser da ciãncia geogrãfica. Em ãltima anãlise, sempre teremos que associar ao quadro natural ou humanizado o carãter social do fato, fazendo da Geografia alã de ciãncia prãtica e utilitãria, caracteristicamente humana". (12)*

d) - o pesquisador deve ter sempre em mente que a sua ciãncia ã concretamente de cunho coletivo, dado que o seu objeto ã o espaão produtivo/social. Na busca de conhecer a realidade que condiciona o mencionado espaão, o pesquisador em geografia procura penetrar ã fundo no conhecimento da essãncia das combinaãões. Procedendo assim, ele deve procurar vã-las:

- no espaão onde elas se manifestam (biosfera) - ã atravã do contato das camadas do globo terrestre que surge o fenõmeno geogrãfico . Daã a razãõ pelo qual ele possui uma localizaãõ especial, diferente do campo de aãõ individualizado das de mais ciãncias. No quadro humanizado, o fenãmeno surge da interaãõ econãmico/social do homem com o seu espaão de vivãncia;

- em quantidade e qualidade - pela primeira, chega

remos a possibilidade de captarmos e conhecermos em maior número os vários fatores integrantes da estrutura do fato geográfico.

Utilizando a segunda, estabeleceremos uma hierarquia de valores para que possamos utilizar os que realmente traduzem com melhor cunho científico, clareza e objetividade a sistemática do fato geográfico;

- no seu todo - procurar conhecer as conexões dos fatos físicos e humanos e bióticos, buscando estruturar o conjunto ordenado revelador da complexidade contida em toda realidade geográfica. Esta, pode ser melhor apreendida na proporção que aprofundarmos o conhecer das combinações.

A geografia tem como seu objeto de estudo a própria combinação geográfica e, não os fenômenos isolados;

- ao nível da constância, duração e renovação periódica do fenômeno - são características inerentes aos fenômenos que devemos conhecê-las, objetivando eliminar todas as convergências de caráter acidental. Estas são casuais e, portanto, desprovidas de critérios científicos.

O inquérito geográfico exige não somente a determinação da convergência, como também o conhecer da repartição e da frequência das combinações;

- no seu sentido comunitário - em virtude do seu campo de ação não se ater ao indivíduo ou a uma categoria social, a geografia trabalha com a totalidade do grupo humano representado

por classes sociais. Tal comportamento deriva de ser o fato geográfico resultante do conjunto das combinaçõẽs. Não significa que a geografia não pesquisa a parte (categoria profissional, social, etc.) mas, esta é apenas um componente do todo; (9)

- ...

Possuidor desta orientação dos princípios, métodos e normas diretoras, o pesquisador passa a desenvolver concretamente a pesquisa do "fato" que se deseja conhecer. Agora, ele passa a empregar os princípios geográficos específicos: localização, extensão, causalidade, analogia, atividade, conexidade, os quais são operações obrigatórias que realizamos quando empreendemos a busca do complexo meio/homem (realidade geográfica). Trata-se de uma realidade complexa, rica em açõẽs mutáveis do meio natural e humano, e que só pode ser atingida por intermêdio do emprego do conhecimento sensitivo e lógico, revelados pela experiência prática do mundo.

A complexidade aumentará na medida que for evoluindo o estágio de civilização (produtivo/técnico/social) da comunidade circunscrita em seu espaço habitacional.

Concluindo esta breve análise introdutória, respaldamos as palavras de um profissional interessado no futuro da ciência geográfica à serviço da humanidade:

*"o verdadeiro pesquisador não permanece no campo do obscurantismo das idéias e dos fatos. Ele não teme o que diz e escreve, porque se pauta pela realidade obojetiva que se encontra nas cousas. Desse modo ,*

guiar-se pelo conhecimento sensitivo e lógico revela  
dos pela experiência prática do mundo.

Sua preocupação constante com o destino do homem, evidentemente com a da humanidade, leva-o a ponderar, a aquilatar, a autenticar e a refletir com maior precisão sobre os reais valores que os fatos geográficos possuem. Não significa que ele não cometa erros. É possível que tal aconteça. No entanto, o que o caracteriza é o seu crescente desejo de acertar, isto é, de ser honesto na apresentação e apreciação dos fatos".

(13)

## NOTAS EXPLICATIVAS

a) - denominamos categorias aos conceitos filosóficos mais gerais, amplos, os quais "*refletem propriedades, relações mais gerais e essenciais da realidade e do conhecimento*" (M.M. Rosental e P.F. Iudin, Dicionário Filosófico-Editorial Estampa, Lisboa 1972).

Para o materialismo dialético são importantes categorias: a matéria e a consciência; o movimento e o repouso; o geral e o particular; a descontinuidade e a continuidade; a causa e o efeito; a necessidade e o acaso; a possibilidade e a realidade; o conteúdo e a forma; a estrutura e a função;...

*"As categorias não formam um sistema fechado e invariável ... como expressão dos nexos essenciais da realidade no seu desenvolvimento, as categorias devem ser tão móveis e flexíveis como os fenômenos de que são reflexo". (idem, obra citada).*

b) - em Anti-Düring, Engels aborda o tema "*verdades eternas*". Para Engels, da soma de verdades relativas resulta a

verdade absoluta.

Lenin, em *Materialismo e Empirocriticismo* trata no cap. II-A Teoria do Conhecimento do Empirocriticismo e a Do Materialismo Dialético - sobre a verdade absoluta e relativa:

*"O pensamento humano, por sua natureza, é capaz de proporcionarmos, e proporciona em realidade, a verdade absoluta, que resulta da soma de verdades relativas. Cada fase do desenvolvimento da ciência acresce novos grãos a esta soma de verdade absoluta; porém os limites da verdade de cada tese científica são relativos, ora ampliados ora restringidos pelo progresso ulterior do conhecimento".*

No *"Curso de Materialismo Dialético e Histórico"* de autores russos, em tradução das Edições Avante, Lisboa 1978, retiramos o seguinte texto:

*"Se se conceber o conhecimento de modo dialético, não como algo que deve ter um fim mas como um processo ininterrupto de ampliação e aprofundamento dos nossos conhecimentos sobre o mundo exterior, deve reconhecer-se que o mundo é cognoscível e, além disso, não no sentido de podermos conhecê-lo de uma vez para sempre, mas de podermos completar e ampliar incessantemente as verdades relativas que estão à nossa disposição, comprovando-as e precisando-as pela atividade prática.*

*Desse modo, as verdades absoluta e relativa são como*

*que duas formas da verdade objetiva. A primeira forma pode considerar-se como o resultado das verdades relativas que se sucedem infinitamente".*

c) - conceituamos por "lei" a uma conexão que perdure enquanto durar o tempo de existência dos fenômenos a ela subordinados.

Trata-se de relações que se repetem, intrínsecas e necessárias e, que existem objetivamente e independentes da consciência dos homens. O homem toma ciência de tais relações na medida que ele investiga a natureza, a sociedade e o seu próprio universo mental.

d) - é importante retornar a Konstantinov: "a lógica dialética não existe, e não pode existir, fora da dialética materialista ... a lógica dialética não encara as formas de pensamento meramente do ponto de vista da sua estrutura; não abstrai do conteúdo concreto expresso nelas. Não as toma de forma rígida e isolada, mas em interconexão, em movimento e desenvolvimento".

e) - recomendamos para tão significativa abordagem a leitura:

- Anti-Dühring, cap. V intitulado "Filosofia da natureza, o tempo e o espaço";

- Materialismo e Empirocriticismo, cap. III da Teoria do Conhecimento do Materialismo Dialético e a do Empirocriticismo, Ítem 5: o espaço e o tempo;

- Konstantinov, cap. III "*A Matéria e as Formas Bã  
da Existência*", em Fundamentos da Filosofia Marxista-Le  
nista.

- Curso de Materialismo Dialético e Histórico, cap.  
V intitulado: espaço e tempo;

f) - materialismo dialético e histórico, ver Konstan  
tinov (obra citada); ídem "curso" citado; C.Marx e F.Engels "*Obras  
Escolhidas*"; Dicionário Filosófico - Resental e Iudin.

g) - é de muita valia a leitura do artigo de André  
Sholley "*A Realidade Geográfica*" - Boletim Geográfico nº 179 ... ,  
ano XXII, IBGE.

## BIBLIOGRAFIA

- (1) - KONSTANTINOV, F. V. *Fundamentos da Filosofia Marxista-Leninista*. Tradução/Editora Amadora-Portugal, 1975.
- (2) - LENIN, V.I. *Dialética e Ecletismo-Escola e Aparato*" inserido em Instituto Sobre os Sindicatos - Obras Escolhidas Vol. III, Editorial Progresso-Moscou, 1970.
- (3) - LENIN, V.I. *Materialismo e Empirocriticismo*. Editorial Progresso, Moscou, tradução em espanhol do Tomo 1º da 5a. edição de suas Obras Completas.
- (4) - Vários Autores. *O Materialismo Dialético e a Ciência Contemporânea* (Simpósio Internacional). Revista Internacional nº 49, Checoslováquia, 1978.
- (5) - MONBEIG, Pierre. *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1957.
- (6) - Vários Autores. *O Materialismo Dialético e a Ciência Contemporânea* (Simpósio Internacional). Revista Internacional nº 49, Checoslováquia, 1978.

- (7) - VIEIRA, Pinto Álvaro. *Ciência e Existência*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1969.
- (8) - FEDOSSÉIEV, P. *Materialismo Dialético e a Ciência Contemporânea* (Simpósio Internacional). Revista Internacional nº 49, Checoslováquia, 1978.
- (9) - PHILIPPONNEAU, Michel. *Geografia e Ação*. Tradução Edições Cosmos, 1964.
- (10) - SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. Editora Hucitec e Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.
- (11) - MONBEIG, Pierre. *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1957.
- (12) - GOMES, Horieste. *Geografia Sócio-Econômica de Goiás*. Editora Brasil Central, Goiânia, 1969.
- (13) - GOMES, Horieste. *Geografia Sócio-Econômica de Goiás*. Editora Brasil Central, Goiânia, 1969.